

SAUDAÇÃO AOS CALOUROS - USP - 2014

TRIBUTE TO FRESHMEN – USP - 2014

*Régis Fernandes de Oliveira**

Volto a esta tribuna para falar aos calouros de 2014, no dia em que são recebidos solenemente na Faculdade do Largo de São Francisco, nossas Arcadas.

Sejam bem-vindos por passarem a serem alunos da maior e da mais famosa Faculdade de Direito do país e de uma das maiores Universidades do mundo.

Aqui, no passado, os estudantes ofereceram gloriosa resistência a todas as ditaduras. Aqui, o prédio foi metralhado. Aqui, a igualdade germina entre desejos. Aqui prevalece o diálogo e não as imposições. Aqui foi declarado território livre onde florescem todas as liberdades. Por isso um de seus ex-alunos, o grande poeta Castro Alves disse: “A praça, a praça é do povo! Como o céu é do condor!”. Era o poeta da liberdade, cujo nome está inscrito neste Salão Nobre.

Esta Faculdade é pura poesia. O direito aprisiona os versos e os transforma em prosa. Firma-a em texto de lei. A poesia liberta a palavra. Dá-lhe asas. Voa, como o condor do poeta.

Vocês para cá vieram para estudar *direito*. Dizem que se cuida de um conjunto de princípios e normas que objetiva regular a vida em sociedade. Através dele é que se garantem os direitos humanos. Por ele é que se manifestam a liberdade, a garantia da dignidade da pessoa humana, o asseguramento dos direitos e se estabelecem as garantias de seu exercício. O direito é divinizado e através da lei, sua norma escrita, e por ela é que se estruturam os direitos individuais.

Será que é isso mesmo? Vejamos o que dizem filósofos e poetas.

Hesíodo, poeta e filósofo grego que viveu perto de 750 a.C., em “Os trabalhos e os dias” relata o seguinte diálogo entre um gavião e uma cotovia: “Desafortunado, o que gritas? Tem a ti um bem mais forte; tu irás onde eu te levar, mesmo sendo um bom cantor; alimento, se quiser, de ti farei ou até te soltarei. Insensato quem com mais fortes queira medir-se, de vitória é privado e sofre, além das penas, vexame” (versos 207/212).

No diálogo platônico “A República”, de 350 a.C. Trasímaco garante que “o justo não é senão o vantajoso para o mais forte” (338 c) e conclui que “o justo é sempre a mesma coisa, a vantagem do mais forte” (339 a).

* Professor Titular do Departamento de Direito Econômico, Financeiro e Tributário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

La Fontaine, perto de 1650, relata em suas fábulas da reunião de alguns animais para caçarem com o leão. Na partilha, o leão toma a palavra e diz que uma parte é dele porque se chama leão, a segunda é porque é o mais forte; a terceira, por ser o mais valente e a quarta quem a tocasse seria por ele estrangulado (fábula n. VI). Em outra fábula, dialogam o cordeiro e o lobo que afirma que o cordeiro sujava a água da fonte onde bebiam ao que o cordeiro respondeu que não podia fazê-lo, porque estava na parte de baixo e a água corre de cima, onde estava o lobo. Este responde que alguém de sua família havia sujado a água e que sem embargo de todos os argumentos que pudessem ser utilizados, ele o comeria “sans autre forme de procès” (fábula X).

Pascal, na mesma época, em seus pensamentos (n. 103) diz: “é justo que o que é justo seja seguido; é necessário que quem é o mais forte seja seguido. A justiça sem a força é impotente; a força sem a justiça é tirânica”. Acrescenta que: “É preciso, pois, colocar juntas a justiça e a força e, para isso, fazer com que aquilo que é justo seja forte ou que o que é forte seja justo”. Na sequência, fulmina: “Assim, não podendo fazer com que o justo fosse forte, fez-se com que o que é forte fosse justo”.

Hobbes, seguindo Plauto, diz que “o homem é o lobo do homem”.

Freud sustenta que “a civilização nasce com a repressão” (“Mal estar na civilização”). Marcuse conclui que a civilização “em termos genéticos, está fundada na supressão dos instintos”.

Kafka em seu “Diante da lei” revela o abandono da lei àquele que quer nela ingressar. A lei se aplica desaplicando, na preciosa lição de Giorgio Agamben (“Homo sacer”).

Walter Benjamin fala da violência instauradora e da violência conservadora do direito.

O direito decorreria, então, não do justo, mas da força. É o mais forte quem impõe o que entende por justo. É assim em todos os lugares. Vê-se isso em alguns países africanos, árabes, na América Latina, na Ásia e também nos chamados países desenvolvidos. O direito se confunde com a violência. É Guantánamo, onde o direito não entra, é o *Patriotic Act*, é a invasão da intimidade dos Estados, é a restrição aos direitos individuais, a punição da homossexualidade, a limitação ao comportamento das mulheres, a flagelação himenal, a punição por agressão física, o trabalho de menores, a marginalização dos negros, a pena de morte, etc. Poderíamos enumerar um sem número do que se rotula por agressão aos direitos humanos.

Hoje o direito não mais é visto como restaurador, garantidor de direitos e garantias, mas a dominação do mais forte.

Evidente que não tem o requinte da violência dos primeiros tempos da civilização. Antes, era a morte violenta consagradora da vingança privada (René Girard,

“A violência e o sagrado”); hoje, é a dominação pela armadilha, pelo fingimento e pela sedução.

O pacto da sujeição supera o pacto da sociedade. Domina-se através da lei.

Hoje, a dominação é meramente simbólica, no precioso dizer de Pierre Bourdieu. É Foucault quem afirma que a dominação ocorre através de *estratégias*, de sutilezas, de discurso de sedução. Aristóteles diz que “todas as ações prescritas pela lei são justas”. Confundir-se-ia, então, o justo com o legal. *Auctoritas, non veritas, facit legem* (é a autoridade, não a verdade, que faz a lei).

Se é a autoridade, como foi possível Antígona desafiar Creonte, rei de Tebas, que determinou que Polinice não merecesse enterro, enquanto seu irmão, por defender o reino, merecia. E sobrevém a famosa frase: “nunca pensei que o decreto de um mortal revogasse o direito dos deuses”.

Modernamente, a dominação passa a ser *anônima* através dos poderosos meios de comunicação. Como bem diz Hanna Arendt,

o governo não é nem da lei, nem dos homens, mas de escritórios ou computadores anônimos, cuja dominação inteiramente despersonalizada pode vir a se tornar uma ameaça maior à liberdade e àquele mínimo de civilidade sem o qual nenhuma vida comunitária é concebível, do que jamais foi a mais abusiva arbitrariedade dos tiranos do passado.¹

É a dominação de homens que fingem e sabem que fingem. No reino dos animais irracionais, o animal finge, mas não sabe fingir o fingimento. Este fingimento dominador é exclusivo dos racionais.

Vejam que terrível. Subordinados estamos à *dominação anônima*. Alguém pode lançar no *facebook*, no *twitter* ou no *linkedin* ou em qualquer outro meio de comunicação uma mensagem atentatória ou difamatória à personalidade e, imediatamente uma vida estará arrasada. Arrastões são combinados pela internet, rolezões também, confrontos de torcida organizada. Os caras pintadas foram substituídos pelos caras cobertas. O anonimato está se tornando a regra. Quatro pessoas sentadas à mesa para um almoço ou jantar já não conversam. Prevalece a comunicação virtual. Cada qual está em seu celular ou em seu iPad.

Porque isso ocorre? O ser humano está isolado. Perplexo. Sem rumo e sem guia. As diferenças sociais são de tal ordem que o marginalizado já não se satisfaz em ver a ostentação dos ricos. O confinamento ocorre em bairros pobres. Escolas mal conservadas, falta de creches – zonas de exclusão – periferia mal iluminada, falta de asfalto nas vias

¹ ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004. p. 66.

públicas, abandono, sujeira, córregos sem saneamento básico, educação precária, saúde pior. Os desprovidos dos bens da vida e sem acesso aos shoppings dos ricos, revoltam-se. Roupas finas contrastam com roupas “chinesas”. Os rolezinhos e os Black Blocs estão chegando para assustar. Como não são ouvidos e estão abandonados pelo Poder Público, o jeito é quebrar, depredar, vandalizar ou “dar um grito desumano!”, no linguajar de Chico Buarque, para ser ouvido.

Voltamos às tribos. A sociedade fragmenta-se, a clivagem toma conta do indivíduo e a família se deteriora. Grupos se formam em torno de torcidas de futebol, de associações de moradores e de classes, de sindicatos, de clubes, de partidos políticos, de interesses comuns (agricultores, pecuaristas, pescadores, etc.), a significar que a sociedade já não mais responde como estrutura organizada. O Estado não mais representa os interesses da sociedade. É dominado por determinado grupo político que mistifica interesses e cativa a sociedade, sugestionando-a a adotá-los como seus. Seduz com rótulos e propaganda o corpo social que, exangue, abandona o interesse coletivo e passa a cuidar dos pessoais de cada grupo.

Estamos de volta ao passado. Das tribos. Da horda. Das distopias. O consumismo domina. “O capitalismo deve ser visto como uma religião” diz Walter Benjamin.² A grife, a Louis Vuitton, a Chanel. A Dior, todos querem a grife, ainda que pirateada. A busca incessante de capital. A dessacralização da pessoa. A consagração da futilidade e comercialização das religiões que já não alimentam esperanças ou revelam busca de futuro inconsequente e jamais alcançado. Ficam à cata de dinheiro, transformando templos em comércio.

Há um rumor crescente de angústia e de ódio em torno dos arranha-céus.

Este é o quadro quase dantesco, chegando ao apocalíptico que encontramos. A solução para tais problemas é o que vocês vieram buscar nas famosas arcadas. Não apenas para dar a “pindura” do 11 de agosto na gostosa trova aqui cultivada: “Garçom tira a conta da mesa e põe um sorriso no rosto. Seria muita avareza cobrar do 11 de agosto”. Vocês não vieram buscar aqui a frase de Tobias Barreto em “Capitulação de Montevideú” ao dizer: “Quando se sente bater no peito heroica pancada, deixa-se a folha dobrada enquanto se vai morrer”. O período romântico passou.

Vocês vieram aqui buscar uma solução para uma sociedade futura, da dominação eletrônica e anônima, da insuficiência da lei escrita, da não pacificação dos conflitos, das drogas reunidas na cracolândia e em todo e qualquer lugar dos lares, das cidades e dos Estados. O país está sufocado pelas drogas. Não apenas a da política, mas a que também faz mal ao corpo e à mente.

² BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 21.

Creio que nestas Arcadas há mais que sonhos. Basta que os desenterrem. Como versou Álvares de Azevedo, poeta do Largo de São Francisco: “Era uma noite – eu dormia e nos meus sonhos revia as ilusões que sonhei! E no meu lado senti... Meu Deus! Porque não morri? Porque do sono acordei?” (“O poeta”).

Aqui vocês encontrarão um misto de sonho, poesia, igualdade e liberdade. Poderão viver em gostosa amizade. Quem sabe encontrar um amor. Viver intensamente um amor é viver o trágico, diz Octávio Paz, Nobel de literatura de 1990. Estudando direito procuram a segurança jurídica. Na poesia, na música e na pintura encontrarão a irreverência do pensamento, a instabilidade dos afetos, a incongruência, a paixão irrefletida dos sentimentos.

As Arcadas são um misto de dogma e de irreverência. É um poema. É o transportar para outros mundos, utópicos, imaginários, de fetiche e magia.

É também a era do nascimento da responsabilidade pelos problemas sociais que tem o Brasil. Aqui, viverão o poema em prosa e a inconsistência das esperanças perdidas e, quem sabe, o encontrar do caminho perdido.

O Brasil está sem rumo. Ao léu. A política corrupta e desacreditada. O povo descrente e perplexo em busca de alguém que o ajude. As mãos calosas dos trabalhadores estão estendidas em forma de prece de salvação. O olhar trágico de cada brasileiro envia uma mensagem de ajuda. Olhares vazios para lugar algum. As bombas que matam cinegrafistas, o adolescente negro que é deixado nu amarrado em um poste por uma trava de bicicleta. A depredação, o vandalismo, tudo leva a uma barbárie que identifica o descrédito na polícia, no Estado e também na sociedade.

A banalização do mal, a crueza do desumano, a hipocrisia das promessas, a corrupção, o desencanto, tudo pinta um quadro total de descrença.

Os estudantes da São Francisco se assemelham, hoje, ao elefante que por ter ficado amarrado durante muito tempo, perde a noção de sua força. Sente-se agrilhoado e sem ação.

Quem sabe se do Largo de São Francisco não possa sair uma turma de 2014 para galvanizar esperanças e apontar um rumo de futuro. Quem sabe vocês não possam recuperar o direito que voltaria a ser um instrumento de garantia dos direitos individuais. Ainda que tenham que roubar a caixa de Pandora e jogá-la aos pés de novas esperanças.

As respostas têm que ser buscadas aqui. Não só na tradição das Arcadas, mas na inteligência de seus professores e alunos. É aqui que se sente bater no peito a heroica pancada.

O resto, o resto é silêncio... como disse Hamlet.